



TENSÃO NAS AMÉRICAS

Pressão sobre o chefe do Pentágono

Pete Hegseth, secretário de Guerra do governo Trump, enfrenta críticas por autorizar ataque a sobreviventes de outro bombardeio a lancha no Caribe. Presidente reúne Conselho de Segurança Nacional para debater Venezuela

» RODRIGO CRAVEIRO

Horas antes de uma reunião de emergência entre o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e o Conselho de Segurança Nacional, na noite de ontem, a Casa Branca precisou se esquivar das acusações feitas por congressistas republicanos e democratas sobre a legalidade de um segundo bombardeio a uma lancha supostamente usada por narcotraficantes na Venezuela. Alguns legisladores chegaram a acusar Trump por crimes de guerra. Em 2 de setembro, no início da campanha militar dos Estados Unidos no Mar do Sul do Caribe, dois sobreviventes do primeiro ataque morreram em um novo "disparo de acompanhamento". Naquela ocasião, o presidente anunciou que 11 "narcoterroristas" tinham sido eliminados em "um ataque".

A porta-voz da Presidência dos EUA atribuiu o segundo bombardeio às ordens dadas pelo almirante Frank Bradley — chefe do Comando de Operações Especiais dos Estados Unidos. Segundo Karoline Leavitt, Bradley "agiu dentro de sua autoridade e de acordo com a lei, ao dirigir o ataque para garantir que o barco fosse destruído e a ameaça aos EUA eliminada", declarou. No entanto, ela rejeitou formular o tipo de ameaça representada. Leavitt esclareceu que o secretário de Guerra, Pete Hegseth, autorizou a ofensiva.

A informação vai de encontro a uma notícia divulgada, na semana passada, pelo jornal *The Washington Post*, segundo o qual Hegseth deu a ordem para que todos a bordo das lanchas fossem mortos. O líder da minoria democrata no Senado, Chuck Schumer, convocou Hegseth para depor no Congresso sobre o incidente e classificou o chefe do Pentágono de "tão leviano, tão infantil e tão obviamente inseguro".

Schumer exigiu que as gravações alusivas ao duplo bombardeio tornem-se públicas e criticou o presidente republicano. "Trump parece estar planejando uma guerra totalmente secreta, sem autorização do Congresso, sem transparência, sem qualquer explicação sobre quais são seus objetivos." O deputado republicano Mike Turner, ex-diretor do Comitê de Inteligência, admitiu à tevê CBS que, "caso isso tenha ocorrido, seria algo muito sério, um ato ilegal".

Em recente conversa telefônica, Trump teria dado um ultimato ao

Sgt. Brett Norman/Us Marine Corps/AFP



A bordo de helicóptero, franco-atirador do corpo de fuzileiros navais americanos participa de treinamento no Mar do Sul do Caribe

Felix Leon/AFP



Pete Hegseth teria ordenado a morte de "todos" a bordo das embarcações suspeitas

Casa Branca



Imagen de vídeo mostra supostamente lancha do narcotráfico sob mira dos EUA

Casa Branca



A embarcação explode e pega fogo, depois de ser bombardeada, em 2 de setembro

Dois perguntas para...



KENNETH ROTH, professor visitante da Faculdade de Assuntos Públicos e Internacionais da Universidade de Princeton e ex-diretor executivo da organização não governamental Human Rights Watch (HRW)

Como o senhor vê a alegação do governo Trump de que os ataques no Mar do Sul do Caribe são de autodefesa?

A justificativa de "autodefesa" é tão fictícia quanto o "conflito armado", que só Trump parece enxergar. Mesmo que as pessoas sumariamente executadas sejam traficantes de drogas, elas estão simplesmente envolvidas em um negócio ilícito. Elas não estão atirando ou atacando os Estados Unidos. Como foi dito, os esforços para combater o tráfico de drogas, mesmo considerando o perigo do uso de algumas drogas, justificam ações policiais, não uma "guerra" fabricada de "autodefesa".

O senhor acredita em uma invasão dos EUA à Venezuela?

Embora Trump esteja agindo como se pudesse invadir a Venezuela para derrubar o regime de Maduro, suspeito que isso seja, em grande parte, conversa fiada. Para começar, tal invasão seria flagrantemente ilegal. O Conselho de Segurança da ONU não autorizou. A Venezuela não atacou os Estados Unidos (isso seria suicídio), portanto, não há justificativa de autodefesa. E, dadas as apostas e os riscos envolvidos, o argumento para uma intervenção humanitária só funciona quando necessária para impedir um genocídio em curso ou iminente, ou um massacre em massa comparável. Apesar da má gestão kleptocrática e repressiva de Maduro no país e dos milhões de refugiados que ele gerou, ele não está envolvido no tipo de assassinato em larga escala que justificaria uma intervenção humanitária. (RC)

TRAGÉDIA NA ÁSIA

Inundações devastadoras deixam mais de mil mortos

Pelo menos 1.160 pessoas morreram em inundações e deslizamentos de terra em várias regiões da Ásia. Os países mais afetados — Sri Lanka e Indonésia — mobilizaram as Forças Armadas para socorrer os sobreviventes.

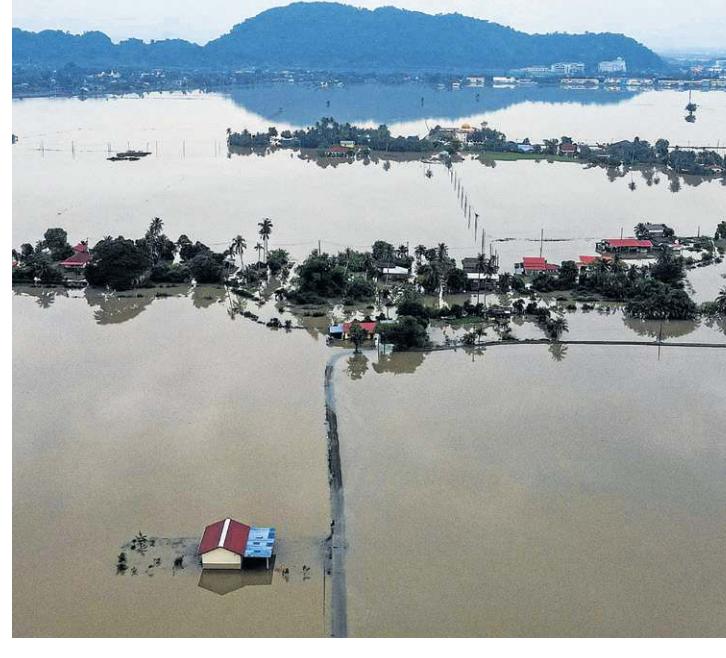
Vários fenômenos meteorológicos provocaram chuvas torrenciais na semana passada em todo o Sri Lanka, partes da ilha indonésia de Sumatra, no sul da Tailândia e no norte da Malásia.

Em Sumatra, o balanço de vítimas subiu para 593 mortos e 468 desaparecidos, anunciou a agência de gestão de desastres. "A água chegava até o meu pescoco", contou à agência France-Presse Misbahul Munir, 28 anos, morador de Aceh Norte, na ponta norte de Sumatra. Sem conter o choro, ele acrescentou que "a água subiu quase dois metros". "Todos os móveis estão danificados. Tenho apenas uma roupa que estou vestindo", disse.

Para as pessoas refugiadas em abrigos, as condições são preocupantes. "Há mulheres grávidas e crianças pequenas", sublinhou Munir.

Para Zamzami, 33, a chegada das águas lembrou "uma onda de tsunami imparável". "É difícil descrever quanta água havia, foi algo realmente impressionante", comentou. O presidente da Indonésia, Prabowo Subianto, anunciou que "a prioridade do governo é enviar a ajuda necessária" às regiões afetadas. Segundo ele, o governo mobilizou helicópteros e aviões, além dos três navios militares enviados no fim de semana. Muitas rodovias continuam intransitáveis devido à lama e aos destroços.

O presidente enfrenta uma pressão crescente para declarar estado de emergência diante da catástrofe natural com o maior número de vítimas



Casas tomadas pela água em Kangar, na região norte da Malásia

no país desde o terremoto seguido de um tsunami em 2018, que deixou mais de 2 mil mortos.

Sri Lanka e Tailândia

"Jamais pensei que as inundações seriam tão terríveis", desabafou Dinusha Sanjaya, 37, morador do Sri Lanka que precisou buscar abrigo em um acampamento de emergência. As autoridades do país pediram ajuda internacional e utilizaram helicópteros militares para acessarem as pessoas isoladas pelas inundações e deslizamentos de terra. "Não foi apenas a quantidade de chuva que caiu, mas principalmente a velocidade com que cobriu tudo", relatou o entregador, ao lado de vizinhos que também ficaram desabrigados. Um balanço atualizado pelas autoridades indica que pelo menos 390 pessoas

morreram e 352 estavam desaparecidas no Sri Lanka, até o fechamento desta edição.

O presidente Anura Kumara Dissanayake declarou estado de emergência e admitiu que trata-se do "maior e mais difícil desastre natural" da história do país. Na Tailândia, as chuvas, que mataram 176 pessoas no sul, são consideradas um dos fenômenos climáticos mais letais no país em uma década.

Na Malásia, duas pessoas morreram nas enchentes no estado de Perlis. Grande parte da Ásia enfrenta atualmente a temporada anual de monções, que provoca chuvas fortes e leva a deslizamentos de terra e inundações. Em 2025, as mudanças climáticas aumentaram a intensidade das tempestades e das chuvas. A explicação está no fato de que uma atmosfera mais quente retém mais umidade.